

Função materna: Revisão sobre as Implicações do Uso Abusivo/dependência de Substâncias Psicoativas no Desempenho da Maternagem

Autores: Gilvani Rodrigues Nunes, Marcelo Ribeiro Araujo, Clarice Sandi Madruga

Orientação: Clarice S Madruga, PhD

Coordenação do Curso: Marcelo Ribeiro, PhD

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD)

Curso de Especialização em Dependência Química UNIAD

São Paulo, SP - Brasil

Contato: gyl_nunes@hotmail.com

Resumo

Este estudo apresenta uma revisão de literatura sobre a importância da função materna para o desenvolvimento psíquico e as implicações do uso abusivo de drogas/dependência no desempenho da maternagem. Os resultados enfatizam que o afeto propiciado pelas figuras parentais, em especial pela mãe, desde a gestação, experiência da amamentação, sensibilidade materna e ternura na interação com o bebê, nos demais estágios da maturação, seja essencial para o desenvolvimento da personalidade, saúde emocional e favorecer a constituição da identidade materna. Porém, mães que fazem uso abusivo de drogas, apresentam ambivalência no desempenho da função materna. Estes sentimentos conflitantes estão atrelados à privação da experiência de afeto na primeira infância, vivências traumáticas, uso abusivo de drogas, ou ainda, por portar algum tipo de psicopatologia, o que as tornam menos sensíveis as necessidades dos filhos e compromete a vinculação afetiva. Conclui-se que as dificuldades no desempenho da função materna, bem como a dependência química, revelam o processo biopsicossocial do qual obtiveram origem e não, por serem mães ruins. Tanto quanto seus filhos, estas mulheres necessitam de cuidados e com o amparo de programas de intervenção integrada para mães e crianças, o desempenho da função materna, pode torna-se uma realidade possível.

Palavras-chaves: dependência química, gestação, função materna.

Abstract

This study presents a literature review, in order to meet current discussions about the importance of maternal function for the psychic development and the implications of drug abuse/dependence on the performance of mothering. The results emphasize the affection fostered by parental figures, particularly by the mother from pregnancy, breastfeeding experience, maternal sensitivity and tenderness in the interaction with the baby in the other stages of maturation, is essential for the development of personality, emotional health and encourage the establishment of maternal identity. However, mothers who abuse drugs, have ambivalence in the performance of maternal role. These mixed feelings are linked to deprivation of affection of experience in early childhood traumatic experiences, drug abuse, or even for possessing some kind of psychopathology, making them the needs of children less sensitive and committed to affectionate bonds. It concludes that the difficulties in the performance of maternal role, as well as drug addiction, reveal the biopsychosocial process which obtained origin and not because they are bad mothers. As far as their children, these women need care and with the support of an integrated intervention

programs for mothers and children, the performance of maternal role, can become a possible reality.

Keywords: addiction, pregnancy, maternal role.

INTRODUÇÃO

A configuração familiar, bem como a função das figuras parentais, veio definindo-se, conforme a história da humanidade. Porém, somente a partir do séc. XIX, como tentativa de erradicar o abandono e a mortalidade infantil, iniciou-se a valorização da infância e da função materna, tornando, os cuidados, para com as crianças, algo especificamente maternal (Soejima & Weber, 2008). Estudos posteriores enfatizam a importância da função materna para o desenvolvimento infantil, caracterizando-a pela capacidade da mãe doar-se ao filho (Winnicott, 2011). Sendo os padrões de apego, o alicerce desta vinculação afetiva (Bowlby, 2006a). Ocorre interesse pelo desenvolvimento psíquico, pois na relação mãe-bebê e interação com o ambiente e cultura, inicia-se a constituição do bebê enquanto indivíduo e da mulher como mãe (Stellin, Monteiro, Albuquerque & Marques, 2011).

Porém, a experiência da função materna concomitante ao uso abusivo ou dependência de substâncias psicoativas (SPA), é permeada por ambivalência e dificuldades em atender as necessidades dos filhos. Atualmente no Brasil, o consumo de (SPA), manifesta-se como um dos mais complexos problemas de saúde pública, em especial, o abuso de drogas entre mulheres, pela prevalência, em idade fértil, levando-as a vivenciar gravidez não planejada, baixa adesão ao pré-natal, complicações obstétricas e fetais, demandas sociais, entre outras ocorrências, que impactam e implicam em ônus a sociedade e ao Sistema Único de Saúde (SUS), em especial, gestantes que se encontram em situação de rua. Nesse cenário, o número de abandono de crianças e perda a guarda, revela-se bastante significativo (Kassada, Marcon, Pagliarini, Rossi, 2013; Portela et al., 2013).

Ações de prevenção do uso de (SPA) para gestantes, além de identificar fatores de risco, possibilitam intervenções precocemente, que evitam ou atenuam complicações a saúde da díade, podendo ser realizadas adequadamente, ainda na unidade básica de saúde, o que abre um leque de possibilidades, para engajá-las em grupos terapêuticos, e ainda, contatar a rede de assistência a saúde para encaminhamento dos casos mais complexos, que requeiram intervenções especializadas. Ações preventivas, além de intervir quanto ao abuso de drogas,

entre outras complicações a saúde, auxilia as mães na desenvoltura dos cuidados maternos (Kassada, Marcon, Pagliarini, Rossi, 2013).

OBJETIVO

O estudo busca conhecer discussões atuais sobre a importância da função materna para o desenvolvimento psíquico e as implicações do uso abusivo/dependência de substâncias psicoativas no desempenho da maternagem, desde a gestação aos demais estágios do processo maturacional.

MÉTODO

A partir de uma pesquisa bibliográfica buscou-se analisar publicações dentro de um recorte de tempo e traçar um panorama da temática em questão, desde a relação mãe-bebê e saúde emocional, uso abusivo de substâncias psicoativas, implicações e possíveis intervenções para com esta população, que favoreçam o desempenho da função materna.

Base de dados:

A pesquisa referente à temática foi realizada a partir de consultas nas bases de dados: PubMed; Scielo; Medline, Lilacs, e PePSIC, abrangendo para livros científicos. Após o levantamento bibliográfico e leitura, o material foi organizado na íntegra, conforme o desenvolvimento e vivências maternas.

Descritores:

Para a busca nas bases de dados, utilizou-se os seguintes descritores, correlacionando-os entre si, como estratégia de delimitação dos artigos, em decorrência do vasto número de publicações encontrado.

Português: dinâmica familiar; constituição do sujeito; dependência química; gestação e função materna.

Inglês: family dynamics; constitution subject; dependence drug; pregnancy and maternal role.

Espanhol: la dinámica familiar; constitución del sujeto; el fármaco dependência; la gestación y la función materna.

Crítérios de Seleção:

O estudo inclui artigos nos idiomas inglês, português e espanhol, publicados na última década, com intuito de explorar e delimitar a discussão do tema neste período. Sendo assim, prioriza-se publicações que abordam aspectos relevantes da

função materna e os principais fatores que repercutem na vida de mulheres que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas e de suas proles e como podem comprometer o desempenho da maternagem.

Adotou-se como critérios de exclusão, artigos publicados há mais de uma década, estudos que embora abordem a função materna, estejam voltados a comorbidades específicas, e não tenham como objetivo analisar a importância da maternagem para a criança em desenvolvimento, não avaliem as implicações do abuso de (SPA), e ainda, pesquisas experimentais com animais ou artigos que não estejam disponíveis na íntegra.

Artigos selecionados:

A partir do método descrito foram apresentados 596 artigos. Dos quais 552, por meio dos critérios de seleção, foram eliminados. 27 por descreverem estudos experimentais, 524, por consistirem amostras de populações específicas que não eram do interesse deste estudo. Senso assim, foram selecionados para a revisão deste estudo 44 artigos, que atendem os critérios de inclusão descritos.

Os dados encontrados foram organizados conforme a caracterização da temática em questão, discorrendo a partir da gestação, maternagem, interação com as figuras parentais, em especial com a mãe e como os cuidados propiciados na infância, influenciam na constituição do sujeito e da identidade materna, bem como no desempenho da função materna.

Implicações do Uso Abusivo/dependência de Substâncias Psicoativas no Desempenho da Maternagem

Vivência da gestação/pós natal e vinculação afetiva

A identidade materna se constitui por etapas. Inicia-se, desde a infância e segue as demais fases do desenvolvimento, fortalecendo-se na relação da díade durante a gestação, e consolida-se após o nascimento do bebê. Sendo assim, a gestação envolve modificações físicas e emocionais que influenciam em todos os aspectos da vida da mulher, bem como na maternagem e na relação com a criança (Piccinini, Gomes, Nardi & Lopes, 2008). Independente de ter sido ou não planejada, a formação do vínculo entre pais e filhos, começa desde o início da gestação e os sentimentos dos pais para com o bebê, influenciam no desenvolvimento desse vínculo (Stelin, Monteiro, Albuquerque & Marques, 2011). Sendo assim, a gravidez indesejada influencia na vinculação e na relação mãe e filho, e, ainda pode

comprometer o desenvolvimento sócio-emocional, e levá-lo a apresentar, comportamentos mal-adaptativos ao longo do desenvolvimento (Saleem & Surkan, 2014). Nesse contexto, os sentimentos dos pais, em relação aos filhos, estão atrelados ao momento vivenciado pelo casal, desde a concepção, gestação, e ao manifestar os primeiros sinais de vida, a gestante começa a fantasiar em como será essa criança e desenvolver o apego, e após o nascimento, ver, tocar e acolher o bebê. Na relação da tríade, o pai nutre afetivamente a mãe, e a mãe nutre afetivamente o filho (Bowlby, 2006a & Winnicott, 2011).

Porém, junto às ansiedades gestacionais há as expectativas de ter um bebê perfeito, e a possibilidade de ter um bebê com alguma anomalia, pode influenciar no desenvolvimento do apego. Durante a gestação é possível perceber o desenvolvimento do apego, pois, ainda durante a vida intra-uterina, inicia-se a configuração da função paterna e materna (Piccinini, Gomes, Nardi & Lopes, 2008).

Nesta triangulação, a base segura proporcionada pelas figuras parentais, na infância, favorece o estabelecimento dos vínculos, a manter relacionamentos, permeia a qualidade de seus afetos e o auxilia a lidar com rompimentos de vínculos, ao longo da vida. Porém, a ausência destas bases, pode acarretar falhas no desenvolvimento infantil e uma busca pelo afeto que acredita lhe ter sido negado. O apego, destaca-se como elemento básico da natureza humana, que norteia as relações, desde o nascimento até a velhice, e depois de internalizar, estes modelos, seja, o apego seguro, inseguro resistente ou evitativo, em junção a interação com o ambiente familiar, atuam em nível inconsciente, e influenciam no desenvolvimento da personalidade, o que pode constituir indivíduos, saudáveis, ansiosos, deprimidos ou vulneráveis a desenvolver psicopatologias (Bowlby, 2006a).

Amamentação/Desmame: Comunicação mãe-bebê

A experiência da amamentação é compreendida como uma fonte enriquecedora da personalidade, caráter e potencial do ser humano, pois, ao corresponder o olhar do bebê, a mãe auxilia-o a confirmar a própria existência. Porém o seio não desempenha a função de nutrir, quando a mãe encontra-se incapacitada de realizá-la, e a insistência para amamentar a criança, torna-se um sofrimento para ambos (Winnicott, 2011). A sensibilidade materna, faz com que a mãe, mantenha-se atenta aos sinais emitidos pelo filho, capaz de captá-los e corresponder-lhes adequadamente (Bowlby, 2006a).

Para o desenvolvimento satisfatório, a criança requer maternagem e paternagem, sendo o ato de segurar e manipular o bebê mais importante em termos vitais, que a amamentação, visto que, os nutrientes calóricos podem ser supridos pela mamadeira, já os nutrientes afetivos, só podem ser fornecidos por meio do carinho, escuta atenciosa, interação e estímulos visuais. Portanto a mãe que consegue lidar com os aspectos destrutivos do bebê, auxilia o filho a ressignificar seus sentimentos (Winnicott, 2011).

O autor citado a cima, também ressalta na experiência da amamentação, o processo de desmame, pois, ainda que haja crianças que decidam desmamar por si própria, o desejo deve suscitar da mãe, uma vez que favorece o desenvolvimento da criança, pois, auxilia-a desprender-se e lidar com perdas, e não apenas por ter finalizado o período de lactação. Porém, deve ocorrer, gradualmente, apresentando-lhes, outros alimentos para substituir a amamentação. Entre os sete e nove meses, as crianças iniciam a brincadeira de jogar objetos fora, e ainda que seja, uma brincadeira exaustiva para quem terá que lhes devolver esses objetos, os favorece a obter a ideia, que podem abdicar de coisas, e optem pelo desmame.

Portanto quando o ambiente familiar não se manifesta como holding aos filhos, leva-os a buscar fora o que sente lhes faltar (Winnicott, 2011). Há relação entre perda precoce dos cuidados maternos e transtornos de personalidade. Ainda que se reconheça a influencia dos aspectos biológicos, os distúrbios psiquiátricos manifestam uma dificuldade de vinculação afetiva derivada de falhas no desenvolvimento infantil (Bowlby, 2006b).

Holding: Cuidados maternos

A mãe suficientemente boa, por meio da sensibilidade materna, atua como um ego auxiliar e propicia ao bebê desde um primeiro momento, um ego, ainda, que frágil, protegendo-o de intensos sentimentos de insegurança. O desenvolvimento emocional abrange a integração do eu, a psique e a relação objetal, a função materna de segurar, manipular e apresentar objetos. Neste contexto os objetos transicionais utilizados na infância, auxiliam a criança lidar com experiências de ansiedade e intensa privação (Winnicott, 2011).

Também Bowlby (2006b), enfatiza a importância do holding e destaca a importância do toque, ternura, e carinho presentes nas brincadeiras, na amamentação, no

banho, nas trocas de fraldas e na hora de dormir, como a fonte da essência da criança, já os casos de privação materna, podem acarretar falhas no processo maturacional. Mesmo separação de curto prazo, pode gerar feridas na psique, e conforme suas experiências, reabrir-se ao longo da vida.

Ao receber do cônjuge e da própria família amor e apoio, a mulher qualifica-se para cuidar do filho, oferecendo-lhe, uma base segura, que envolve não apenas cuidados físicos, mas o contato afetivo. E oferece um ambiente facilitador, desde a fase de dependência absoluta, o que favorece desenvolvimento nos demais estágios do processo de maturação até a independência. Porém a ausência de uma mãe suficientemente boa, pode levar a criança sentir-se aflita, e comprometer o desenvolvimento da saúde mental (Winnicott, 2011).

Sendo assim, a maternagem e os objetos transicionais, são de suma importância, na interação com o bebê, em especial, quando encaminhado a adoção, uma vez que, após o nascimento ocorre uma ruptura em relação a tudo o que o bebê conhece, seja, temperatura corpórea, cheiro e voz materna, e as lacunas da falta de conhecimentos sobre sua história podem ser preenchidas com sintomatologia, e o encaminhamento ao abrigo como uma reatualização da privação materna (Bowlby, 2006b).

Também Fernández, Vizcaya-Moreno e Pérez-Cañaveras (2013), considera que a identidade materna se constitui a partir da interação mãe-bebê, porém enfatiza as mudanças no estilo de vida influenciado pela nova identidade e como sentimentos ambivalentes, repercutem sobre si mesma e sobre a maternagem.

Na relação mãe-bebê, a experiência de ter um filho prematuro, pode ser vivenciada como uma frustração da capacidade do desempenho da função materna e suscitar sentimentos de ambivalência que influenciam na formação do apego entre a díade.

E ainda, a ausência da figura paterna, como, fator que pode comprometer os cuidados maternos e a constituição da mãe e do bebê enquanto sujeitos (Fernandes, 2011). Nesse sentido a prática do abandono de bebês manifesta a identidade de uma mulher, que foi abandonada, seja, por ser órfã ou sem apoio familiar, abandonada pelo companheiro, ou ainda, pelas políticas públicas e pela sociedade (Lima, 2011).

Ambiente familiar e a constituição do sujeito

O ambiente familiar suficientemente bom, torna-se o melhor lugar para a maturação do indivíduo (Winnicott, 2011). Nesse contexto a relação com as figuras parentais, em especial com a mãe, nos primeiros anos de vida, é essencial ao desenvolvimento da personalidade e a saúde mental (Bowlby, 2006b).

Conforme Sarti (2004), a família é o universo das relações, funciona como um filtro, e favorece o desenvolvimento da linguagem, dos valores, costumes, auto-imagem, identidade, e nesta interação entre a individualidade e a coletividade, as mais diversas configurações familiares, consolidam-se por meio de alianças, entre seus membros e não pelos laços consanguíneos.

Sendo assim, o cenário familiar que não consegue lidar com conflitos e angustias e apoiar, demais membros, busca manter a homeostasia, por meio da projeção de conflitos, o que torna um dentre seus membros o portador do sintoma familiar, e cria um círculo vicioso (Sousa & Sei, 2014). De acordo com esta compreensão (Orth & Moré, 2008), ressalta ser a dependência de substâncias psicoativas, um dentre outros padrões de comportamentos, uma busca inconsciente de elaboração de sintomas pessoais e familiar.

Estudos apontam que no contexto familiar de pais que abusam de álcool e outras drogas, os filhos são afetados, tanto durante a gestação, como também a partir da interação, pois experienciam episódios de violência intrafamiliar, seja, direta ou indiretamente. Ressalta-se a implicação dos segredos familiares, a repetição de padrões Inter geracionais, alianças que se consolidam, e aprisiona o indivíduo a história familiar, tornando-o refém da própria origem (Tondowski et al., 2014).

Ao buscar compreender o funcionamento destas famílias constatou-se haver repercussão biopsicossocial da negligência, ou ausência de cuidados maternos na infância, pois, além da negligência sofrida no lar, percebe-se negligência social, pois há famílias que vivem em condições sub-humana, o que as tornam vulneráveis ao envolvimento com drogas e negligencie os cuidados necessários a seus filhos (Martins & Jorge, 2009). A prática de maus-tratos e negligencia aos filhos pode estar associada a algum tipo de psicopatologia, o que pode levar estas crianças

maltratadas na infância, a repetir o padrão de comportamento dos progenitores, caso não encontrem quem os cuide adequadamente (Manso, 2005).

Conforme Haber et al. (2010), a interação entre o gene hereditário e o gene-ambiente, norteiam o funcionamento familiar intergeracional, e pode diminuir ou aumentar, o risco genético para o consumo de substâncias psicoativas e transtornos de conduta, com taxas significativas para transtorno de conduta em crianças, com pais que apresentam histórico de dependência de outras drogas, quando comparadas a crianças com pais que apresentam histórico apenas de álcool. Pôde-se perceber que casais com histórico de abuso de drogas apresentavam o dobro da taxa de divórcio em relação a outros grupos, maior probabilidade de seus descendentes apresentarem transtorno de conduta, taxa de alcoolismo materno, quatro vezes maior, em relação a famílias sem histórico de uso abusivo de (SPA), e menor taxa de emprego e renda familiar.

Nesta conjuntura, embora a violência contra mulher, seja, um fenômeno universal, independente da classe social, pode ter início ou tornar-se mais frequente no período da gravidez, o que dificulta a adesão ao pré-natal e coloca em risco a mãe e o bebê. Constatou-se que esta vivência é mais frequente entre mulheres com baixa autoestima, baixo nível escolar e consumo de álcool e outras drogas, tendo como consequência, prematuridade, baixo peso ao nascer, crescimento intrauterino reduzido e óbito perinatal e pós-natal. E ainda apresenta maior índice de tentativas de aborto (Viellas, Gama, Carvalho & Pinto 2013).

Função materna em meio ao uso abusivo de substâncias psicoativas

A experiência da gestação vivenciada por mulheres que fazem uso abusivo de drogas, é permeada por medo e culpa, por expor o bebê às (SPAs), baixa adesão ao pré-natal, e, embora possuam alguns conhecimentos sobre os riscos que podem acometer o bebê, limita-se a complicações clínicas, mais frequentemente, sobre a formação congênita (Kassada; Marcon & Waidman, 2014).

Segundo Anderson et al. (2014), a maioria das mulheres que consomem álcool, continuam o consumo após a gestação, pois, o hábito de beber em binge faz parte da socialização. Sendo a interação álcool/tabaco um potencializador para a continuidade do consumo, e ainda que lícitas, há necessidade de intervenções preventivas, pois, se identificou falta de conhecimento quanto aos efeitos destas substâncias, o que dificulta a motivação para reduzir ou conseguir ficar abstinente

durante a gestação. O que as tornam, mais propensas a continuidade do hábito de beber em binge, durante e após a gestação.

A partir de uma avaliação sobre o uso de drogas ilícitas e tabagismo durante a gestação, identificou-se aumento do risco de morte fetal e associação significativa entre tabagismo materno e natimorto, mesmo em caso de tabagismo passivo. Destaca uma observação, quanto ao efeito da cannabis, pois, mesmo que parcialmente, pode ser confundido com tabagismo, o que pode aumentar, as complicações a saúde, caso seu uso torne-se legal (Varner et al., 2014).

Dentre as complicações que se manifestam no pré e pós-natal, destacam-se: deslocamento de placenta e em alguns casos, aborto; baixo peso ao nascer; icterícia; sífilis congênita; prematuridade; desconforto respiratório e infecção neonatal e diminuição do perímetro cefálico. Porém, baixo peso ao nascer e prematuridade são os principais fatores de risco para a mortalidade fetal e neonatal. Também se constatou malformações congênitas, edema agudo de pulmão e sofrimento fetal. Substâncias como anfetaminas, cocaína e nicotina podem ser transportadas, concomitante aos nutrientes, reduzir a distribuição desses nutrientes para o feto, e contribuir para o déficit de crescimento. O efeito do baixo peso, repercute no crescimento e desenvolvimento infantil durante o primeiro ano de vida, o que o torna relevante para a mortalidade infantil (Portela et al., 2013).

Sendo assim, a experiência da amamentação por mães usuárias de (SPA), seja, lícita ou ilícitas, requer avaliação minuciosa, quanto aos efeitos da exposição intrauterina e pós-natal, uma vez que, a amamentação apresenta riscos e benefícios, em decorrência do uso de drogas; infecções como HIV, hepatite B e C e ainda, transtornos psiquiátricos, que requeiram intervenção farmacológica. Há necessidade dos serviços de saúde obterem diretrizes para assistir esta população, desde o plano pré-natal, preparatório para maternagem, o que inclui, além dos itens já citados, avaliação contínua da síndrome de abstinência neonatal (NAS) e monitoramento no período pós-natal, por uma rede interativa de cuidados. Porém, caso não haja adesão ao tratamento a mulher deve ser desmotivada a amamentar (Jansson, 2009). Ainda que, a amamentação, além dos muitos benefícios proporcionados a criança, também, seja considerada, um atenuante da síndrome de abstinência (Thigpen & Sarha, 2014).

Em meio ao uso abusivo de (SPA), mulheres vivenciam a função materna, de forma ambivalente, deparam-se entre o desejo de atender as solicitações de seus filhos e o consumo de drogas, e por vezes, os filhos ficam em segundo plano, o que requer o auxílio de outras pessoas que lhes proporcionem estes cuidados. Neste contexto, muitas mães vivenciam a maternidade de forma insatisfatória, porém, a dificuldade em manifestar afeto, está relacionada à privação afetiva vivenciada na infância e ao abuso de drogas (Roldán & Galera, 2005).

Ao avaliar a associação entre alcoolismo e apego entre mãe e filho, constatou-se que, o vínculo entre a díade, atua como um moderador de vivências negativas, sendo o apego seguro entre mãe e filho, um fator de proteção em relação ao alcoolismo (Eduards; Eiden & Leonard, 2006). Já o padrão de apego inseguro e desorganizado, tende a ser manifesto com mais frequência, por crianças com ambos, pais alcoolistas. Observa-se associação entre alcoolismo paterno e depressão, comportamento antissocial, conflitos familiares e menos sensibilidade as necessidades dos filhos (Eiden; Edwards & Leonard, 2009). O padrão de apego inseguro é destacado como fator de risco para má adaptação sócio-afetiva e comportamental da criança, e o apego desorganizado está mais associado ao intenso nível de stress, agressividade, ambivalência e comportamento problemático que pode resultar na perda de guarda dos filhos (Strathearn & Mayes, 2010).

Em seus estudos, Pechtel, Wodman e Lyons-Ruth, (2012), identificaram que a interrupção dos cuidados maternos, está relacionada a altos índices de alcoolismo e consumo de cannabis em jovens e adultos. Refere que, a inadequação nos cuidados maternos por volta dos dezoito meses de vida, leva a criança vivenciar intenso stress, o que influencia no processo maturacional, e em alguns casos, pode levar o indivíduo a manifestar dificuldade na cognição social, euforia negativa elevada, e dificuldade em regular as emoções. Ainda que, déficits cognitivos na primeira infância frequentemente associados a comportamentos mal-adaptativos na vida adulta, indiquem, menor QI na infância, e prevalência para consumo de (SPA), o desempenho verbal não está associado a nenhum tipo de droga.

Também se constatou correlação entre perda dos cuidados maternos na infância e propensão para criança manifestar papel de cuidador. E que, o abuso de (SPA), manifesta-se como uma estratégia para lidar com adversidades da vida, uma prática compensatória ou de alívio da angústia perante situações de adversidades, que se

encontra disponível na ausência de habilidades socialmente aceita (Pechtel, Wodman e Lyons-Ruth, 2012). Em especial, uma tentativa de lidar com a carência afetiva (Roldán & Galera, 2005). E ao longo da vida, pode desenvolver transtornos mentais e problemas emocionais como: baixa autoestima, fobia social, depressão, ansiedade e dificuldade de relacionamento (Portela et al., 2013).

Em estudos com gestantes usuárias de crack, identificou-se o início de uso, entre os 11 e 35 anos de idade, e necessidade de programas de intervenção multifatorial, uma vez que concomitante ao uso de crack, pôde-se constatar consumo de tabaco; álcool; maconha; envolvimento com criminalidade; prisão; troca de sexo por droga e abandono do lar. A maioria destas mulheres, eram solteiras, desempregadas, com baixo nível escolar e viviam em situação de rua. Embora, haja, impacto obstétricos e perinatal quanto à exposição pré-natal a cocaína, pesquisas mais recentes, revelam menos danos ao bebê e não ser possível afirmar haver uma síndrome, como se cogitou e foi noticiado pela mídia, como “bebês do crack” (Costa Gabriela, Soibelman, Zanchet, Costa Patricia & Salgado, 2012).

Para Molnar, Levitt, Eiden e Schetze (2014), a cocaína é a (SPA) que apresenta maior risco no pré-natal. Porém, o tempo de uso, quantidade e ambiente familiar, podem alterar os efeitos pré e pós-natal. Sendo assim, a relação mãe-bebê, pode ser permeada por uma combinação de fatores genéticos, ambientais e uso drogas, que resultam em afeto negativo e influenciam na qualidade da interação mãe e filho. Porém, há estudos que inferem o tabaco e álcool, por apresentar efeitos sutis, serem, mais graves que a cocaína, (Kassada, Marcon, Pagliarini, Rossi, 2013).

Embora, estudos apontem estatísticas, com prevalência de uso e abuso de drogas entre o sexo masculino, com exceção de adolescentes, que apresentam resultados equivalentes, constatou-se que, 90% das mulheres que fazem uso abusivo de (SPA), encontram-se na faixa etária de idade, entre 15 e 40 anos, fase reprodutiva, (Botelho; Rocha & Melo, 2013). Porcentagem também encontrada no estudo de (Strathearn & Mayes, 2010), que apresentam a mesma estatística, porém, se referem, a mulheres que fazem uso abusivo de cocaína, o que representa 4,6 milhões de usuárias, com implicações para filhos, família, serviço de saúde bem como para sociedade. O estudo da Fiocruz (2013), constatou que, entre as mulheres participantes da pesquisa que relataram fazer consumo de crack/cocaína, 10% estavam gestantes.

Outro dado importante encontrado pela pesquisa da Fiocruz (2013), explica que, embora, homens façam uso de drogas por aproximadamente 83,9 meses (IC95%: 76,5-91,2) e mulheres 72,8 (IC95%: 65,1-80,6). Estima-se que, a frequência de consumo durante um dia, seja, em média, 21 pedras de crack/similar para mulheres e 13 pedras para o sexo masculino. E em relação à troca de dinheiro ou sexo por drogas, ainda que seja uma prática adotada por ambos os sexos, há prevalência entre mulheres, com estimativa de 29,9% (IC95%: 22,7-38,3) e, entre homens, 1,3% (IC95%: 0,8-2,0). E ainda que seja uma prática relevante para obtenção de renda, não é a atividade principal para consumo de drogas.

Nesse contexto, dentre as principais causas de acolhimento social de crianças em abrigos, destaca-se a dependência química dos pais ou responsáveis com 81,6% dos casos; seguida de negligência com quase 80,3%; abandono em torno de 78%; violência doméstica próximo de 57% e abuso sexual em torno de 44%. Evidencia-se que 42% destas crianças, passam mais da metade de suas vidas em sistema de abrigo. Em casos de crianças com deficiência, 59% encontram-se nesta situação (Conselho Nacional do Ministério Público, 2013). Suchman et al. (2006), ressalta a importância do placement, uma vez que o acolhimento dos filhos de mulheres que abusam de (SPA) está relacionado a uma multiplicidade de fatores, e destaca a gravidade do abuso de drogas e desajustes psicológicos, como preditores da perda da guarda dos filhos. Nesta perspectiva, os aspectos psicológicos parentais, influenciam significativamente no psiquismo da criança em desenvolvimento e na continuidade da parentalidade.

Segundo Faler et al. (2013), características psicossociais e familiares relacionadas ao abuso de drogas e maternidade precoce, estão associadas, a áreas de exclusão social, baixo nível escolar, ausência da autoridade parental, conflitos familiares, ambiente familiar permissivo para uso de álcool e tabaco, e ainda, violência doméstica, que por vezes, leva crianças e adolescentes, abandonem o lar e optarem por outros ambientes ou até mesmo, pelas ruas. Nos casos que envolvem gestantes com histórico de uso abusivo de (SPA), a internação compulsória, é considerada uma medida protetiva ao bebê (Barros & Ferreira, 2013).

Também Schuler, Nair, Black e Kettinger (2011), infere o ambiente familiar de mulheres usuárias de (SPA), em especial, a cocaína, ser desorganizado e instável, com múltiplas vivências dolorosas, baixo nível sócio econômico, conflitos familiares,

histórico de depressão e apoio social insuficiente. Estas mães são consideradas, menos sensíveis, as necessidades dos filhos, principalmente com a continuidade do uso no pós-natal, pois, apresentam qualidade inadequada na interação mãe-bebê (Eiden, Edwards & Leonard, 2006). Estas mães, manifestam falta de envolvimento afetivo, insatisfação e desprazer na relação com a criança; baixa tolerância as solicitações dos filhos; demonstram-se intrusivas, hostis e inseguras quanto aos cuidados maternos, são autoritárias ou permissivas, e ainda, podem apresentar inversão de papéis com os filhos (Strathearn & Mayes, 2010).

Conforme Nair et al. (2011), bebês de mulheres, que fazem uso abusivo de (SPA), além de apresentar problemas neonatais, tende a serem menos prazerosos para suas mães, o que pode sobrecarregá-las. Embora, as dificuldades apresentadas no desempenho da função materna, as façam delegar os cuidados aos filhos a outros membros da família, a retirada do filho do ambiente familiar é sentida por muitas mães como um fracasso nos cuidados maternos o que pode levá-las a intensificar o consumo de drogas.

Dentre as principais características, referente às gestantes que fazem uso abusivo de (SPA), destacou-se: baixa renda, desemprego, baixo nível educacional, ser solteira, sofrer violência doméstica, e abuso sexual (Roldán & Galera, 2005). Com prevalência de abuso físico, emocional e sexual (Galera, Roldán & O'Brien, 2005; Thigpen & Sarha, 2014). Além de sofrer diversas formas de abusos, apresentam conflitos familiares, problemas de saúde, perda da guarda dos filhos e ausência ou apoio social limitado. Caso o abuso persista, após a infância, pode afetar ainda mais os relacionamentos na vida adulta (Sword et al., 2009).

Também se constatou que, embora, no Brasil não haja dados precisos, sabe-se que 10% das mulheres presas, ingressam grávidas, por crimes de tráfico de drogas e roubo. Nos EUA, estima-se que nasçam por ano, cerca de 6 mil bebês, filhos de mulheres encarceradas. Vivência que as privam dos cuidados ao bebê, levando-o a ser encaminhado a parentes ou adoção. Há ambivalência em relação ao contato entre mães e filhos, pois, ainda que manifeste apego seguro, menor sintoma depressivo, o afeto é inseguro (Ormeño, Maia & Williams, 2013).

Vale ressaltar que a gestação vivenciada no sistema penitenciário, além de acompanhamento do pré-natal, apresentam necessidades específicas, pois,

pesquisas apresentam taxas de 66% ser tabagistas, 20% beber em excesso e mais de 50% consumir drogas ilícitas. Também há prevalência da maioria destas mães, pertencerem a camadas menos favorecidas da sociedade, sendo elas: pobres, sozinhas, baixo nível escolar, não fazer acompanhamento perinatal adequado, o que pode impactar a saúde da gestante e do bebê, e ainda, comprometer a vinculação e o desempenho da maternagem (Knight & Plugge, 2005). Conforme Walker et al. (2014), embora haja divergências na literatura, gestantes presas, demonstram desvantagens sociais, pois, 75% delas apresentam desordens de saúde mental e abuso de drogas, tornando-se um fator de risco para mãe e filho. Identificou-se que, bebês de mulheres encarceradas e usuárias de drogas, são mais propensos a nascer prematuro, com baixo peso e ser internado. Também há necessidade de adequação do sistema penitenciário e capacitação dos profissionais, para suprir e lidar com as demandas destas mulheres. Nesse cenário, se as crianças permanecem com as mães tornam-se mais suscetíveis a contrair doenças e ao comprometimento do desenvolvimento, mas, caso sejam separadas, compromete a vinculação (Militão & Kruno, 2014).

Além dos fatores já citados, que tornam complexas as intervenções com esta população, o estigma em relação ao uso abusivo de (SPA), é uma barreira na intervenção da (NAS), pois, por sentimento de culpa ou vergonha, muitas gestantes omitem o uso de drogas. Nesta conjuntura, há pensadores que entendem o uso de drogas durante a gestação como uma forma de abuso infantil, o que pode levar à gestante, responder criminalmente, no entanto, há aqueles, que temem a intensificação do estigma e a criminalização da mulher, que faz uso abusivo de (SPA), uma vez que, muitas delas, sofrem de alguma psicopatologia, e/ou foram expostas a traumas na infância, que envolvem, abuso sexual, físico e emocional, e requer cuidados por uma equipe de saúde (Thigpen & Sarha, 2014).

Conforme Sword et al. (2009), programas integrados, para mulheres que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas, revelam resultados favoráveis que contribuem para, recuperação da autoestima, relacionamento interpessoal, resgate de laços familiares, crescimento pessoal, lidar com o estigma, desenvolver identidade materna, o que favorece o desenvolvimento de habilidades e melhor interação com o filho. Nair et al. (2011) enfatiza a intervenção domiciliar como uma estratégia promissora e ressalta a importância de programas abrangentes e adaptáveis com

foco voltado as necessidades da família, não apenas, encaminhamentos para tratar do consumo de álcool e outras drogas.

Também Suchman, Decoste, McMahon, Rounsaville e Mayes (2011), inferem resultados favoráveis a partir do The Mother and Toddlers Program (MTP) método de intervenção diádico, baseado no apego, no qual se prioriza o manejo com as próprias emoções, para depois focar nas questões relacionadas aos filhos. Pois, estas mães manifestam nível elevado de sofrimento psíquico, por vezes, relacionados às figuras parentais, a violência e/ou negligência, ambiente familiar permissivo, laços afetivos inconsistentes, incomunicabilidade e incapacidade em promover autonomia. A partir do manejo, embasado no (MTP) pôde-se constatar que, as mães desempenhavam melhor, a capacidade do cuidado, manifestavam funcionamento mais coerente e demonstravam-se mais sensíveis, durante a interação com os filhos, o que revela ser uma intervenção promissora.

DISCUSSÃO

A importância da função materna, para o desenvolvimento psíquico e as implicações do uso abusivo/dependência de (SPA) ao desempenho desta função, nos remete a uma reflexão sobre a constituição do sujeito, desde, a gestação, infância, ambiente familiar, relação com as figuras parentais, cultura e o meio social em que o indivíduo se desenvolve. Pois ao desenvolver-se enquanto sujeito, constitui-se uma identidade paterna ou materna que atuará na vida adulta (Stelin, Monteiro, Albuquerque & Marques, 2011). Porém, pouco se questiona sobre a função paterna, exposição dos filhos às drogas, negligência e abandono dos filhos, o que torna a mãe, a principal cuidadora e responsável pelos filhos (Fernades, 2011).

Portanto, a função materna compreende a capacidade da mãe se doar e investir afetivamente ao bebê, desde a concepção aos demais estágios do desenvolvimento, até a autonomia. E ainda, que possa ser desempenhada por outra pessoa, a mãe destaca-se, por melhor se adequar as necessidades do bebê (Winnicott, 2011). Embora umas mais que outras, as boas mães por meio do carinho representam uma fonte inesgotável de estímulos para o desenvolvimento do bebê. Sendo assim, a privação materna, pode manifestar efeitos devastadores, e comprometer a saúde mental, conforme o grau de privação e idade da criança, quando vivenciou tal experiência (Bowlby, 2006b).

Ainda que, a literatura enfatize a importância da função materna, desde a gestação, amamentação, maternagem, e como, as bases seguras propiciadas na primeira infância influenciam na maturação do indivíduo, no contexto da dependência química, a gestação é vivenciada de forma ambivalente, por vezes indesejada e permeada por medo e culpa, por expor o bebê à (SPA). Embora, muitas mães possuam algum conhecimento sobre os efeitos toxicológicos durante a gravidez, o que as fazem manifestar receios, também há dúvidas quanto estas implicações, pois, muitas mulheres já vivenciaram a experiência da gestação em meio ao uso de drogas, com resultados favoráveis, quanto à formação congênita, o que denota um conhecimento limitado sobre os efeitos das substâncias psicotrópicas, desde a vida intra-uterina aos demais estágios que se seguem, pois se manifestam a curto e longo prazo, o que requer, ações informativas quanto aos danos cognitivos e emocionais que podem repercutir ao longo do desenvolvimento (Portela et al., 2013; Kassada, Marcon & Waidmam, 2014).

No que se refere à experiência da amamentação e interação com o filho, embora, compreendida como fonte enriquecedora da personalidade e vinculação afetiva, vivenciada pela maioria das mães, como, algo gratificante, requer sensibilidade e disponibilidade materna (Bowlby, 2006a; Winnicott, 2011). Experiência que, em meio ao uso de drogas, conforme a (SPA), nível de consumo, principalmente, mulheres que fazem uso de cocaína, podem se mostrar desligadas, menos sensíveis para captar e corresponder às pistas e solicitações dos filhos, o que denota uma interação pouco prazerosa, e ainda, mais propensão a reações de stress, sentimentos de ambivalência em relação ao filho, o que expõe a criança ao risco de negligência ou alguma forma de abuso (Strathean & Mayes, 2010; Schuler, Nair, Black & Kettinger 2011; Molnar, Levitt, Eiden & Schuetze, 2014). Ainda que a amamentação, não tenha como função apenas nutrir caloricamente, mas também afetivamente, pois na interação com a mãe, a criança pode ressignificar seus sentimentos (Bowlby, 2006a; Winnicott, 2011). A experiência da amamentação, por mães que fazem uso abusivo de (SPA), seja, lícita ou ilícitas, por apresentar riscos e benefícios, requer avaliação minuciosa, em decorrência da exposição ao uso de drogas, doenças infecciosas ou uso de medicação, pois, conforme as circunstâncias a amamentação pode torna-se contra-indicada. Estes dados revelam a necessidade de estudos e diretrizes que norteiem intervenções com esta população, desde a

gestação, o que favorece a vinculação e a maternagem (Jansson, 2009). Porém, percebe-se um desafio, uma vez que, muitas destas gestantes, fazem uso de (SPA) momentos que antecedem o parto.

Na relação mãe-bebê, o holding é destacado como fonte da essência do indivíduo, pois além de tocar ou segurar, a manipulação da criança requer ternura e carinho, e mesmo na hora de dormir, é necessário que a mãe propicie condições favoráveis, para lidar com a simbiose, pois a ruptura deste processo ocorre a partir do manejo e por etapas, conforme os estágios de desenvolvimento, o que leva os objetos transicionais desempenhar uma função importante, pois, auxiliam a criança lidar com períodos de privação materna gerador de ansiedade e stress (Bowlby, 2006a; Winnicott, 2011). Manejo que, conforme a literatura pode vir a ser comprometido, na experiência da maternagem de mães que fazem uso abusivo de (SPA) e desencadear falhas no desenvolvimento infantil.

Vale ressaltar que a tecedura da vinculação afetiva desempenhada a partir da formação dos modelos de apego enfatizados por Bowlby (2006a) como o elemento básico da natureza humana, são identificados por, Edwards, Eiden e Leonard, (2006), e destacam o apego seguro entre mãe e filho como fator de proteção, pois diminui a influência de vivências negativas na infância, dentre, estas, o uso abusivo de (SPA). Já os modelos de apego inseguro e desorganizado, identificados com mais frequência em filhos de pais que fazem uso abusivo de álcool, indicam uma associação entre a vinculação com as figuras parentais e o beber excessivo, o que coloca a criança em situação de risco, desde a primeira infância, pois, implica na interação e capacidade de cuidar do filho, e influencia no desenvolvimento emocional (Eiden, Edwards & Leonard, 2009).

No que se refere ao modelo de apego internalizado, percebe-se que na experiência materna no sistema carcerário, ainda que a criança desenvolva apego seguro, o afeto é inseguro (Ormeño, Maia & Williams, 2013). O que confirma estudos de teóricos, que, dedicaram-se a compreender os estágios do desenvolvimento infantil e como a interação com as figuras parentais e com o ambiente familiar, influenciam na maturação do indivíduo. Também é notório a importância de programas, específicos para esta população, pois estas mulheres apresentam demandas diferenciadas das mulheres em geral e independente da criança permanecer ou ser afastada da mãe, compromete seu desenvolvimento.

Senso assim, o ambiente familiar favorável, torna-se o melhor lugar para a criança se desenvolver (Winnicott, 2011). Pois, torna-se o universo das relações, e nesta interação o indivíduo constitui-se na relação com o outro, a partir da interação com as figuras parentais (Sarti, 2004). Entretanto o cenário familiar em que não consegue lidar com conflitos vivenciados por seus membros, mantém a homeostasia, ao eleger, um bode expiatório, ou seja, o portador das mazelas familiar (Sousa & Sei, 2014). Esta compreensão também é compartilhada por (Orth & Moré, 2008) que considera a dependência química, uma tentativa inconsciente de elaboração de sintomas pessoais e familiar, adotada como uma estratégia de lidar com adversidades da vida, dentre estas, destaca-se a carência afetiva (Roldán & Galera 2005; Pechtel, Wodman & Lyons-Ruth, 2012).

Outro fator que se faz pertinente, ressaltar é a forma como os segredos familiares e a repetição de padrões intergeracionais, impactam na vida dos membros familiares, pois, mesmo quando os fatos são do conhecimento de todos, não se fala sobre eles, o que revela a necessidade de intervenções terapêuticas para interrupção destes padrões, antes que se cristalizem, pois, geram sofrimento, dificulta o restabelecimento da saúde e maior custo, ao (SUS), visto que ocorre em níveis conscientes e inconscientes (Tondowski et al., 2014). A negligência dos cuidados maternos, indica que, além do uso de (SPA), níveis de psicopatologias dos pais, influenciam na interação e nos cuidados propiciados aos filhos, o que compromete o processo maturacional e torna-os vulneráveis ao envolvimento com drogas (Martins & Jorge, 2009). Fato que requer os cuidados necessários, pois, desajustes psicológicos concomitante ao uso de drogas, foram considerados um preditor da destituição da guarda de crianças. Há necessidade de uma rede de atenção, a suprir, as demandas atreladas ao abuso de substâncias psicoativas.

Os dados apontados pelo estudo da FIOCRUZ (2013), quanto ao tempo e frequência de consumo de crack/similar, entre homens e mulheres, infere que a mulher, em relação à frequência faz uso ainda mais intenso que o homem e, ainda que não seja o único meio de obtenção de renda para uso de drogas, apresenta índice relevante em relação à troca de dinheiro ou sexo por drogas, o que as tornam vulneráveis a contrair doenças infecciosas, gravidez indesejada, suscetível a sofrer violência e ainda baixa adesão ao pré-natal. O funcionamento caótico destas mulheres impossibilita até mesmo utilizar o serviço de saúde disponível. E conforme

(Strathearn & Mayes, 2010; Botelho, Cunha & Melo 2013), 90% delas encontram-se em idade reprodutiva, o que revela urgência de intervenções, que viabilizem acessibilidade, ao tratamento disponível, e rede de assistência a multiplicidade de fatores que as tornam vulneráveis ao uso de drogas, bem como ao que dificulta a adesão ao tratamento e ao desempenho da função materna

Conforme a literatura, embora, o contato entre mães usuárias de drogas e seus filhos, seja, permeado por aspectos positivos e negativos, o afastamento prejudica a vinculação, e, ainda que apresentem dificuldades em atender-lhes suas necessidades, a destituição da guarda dos filhos, torna-se um agravante para intensificação do consumo de drogas, uma vez que os filhos são um estímulo para o abandono das drogas (Nair et al., 2011).

Como destacado neste estudo, sobre a importância da maternagem, para o desenvolvimento infantil, ressalta-se que nos casos de encaminhamento de bebês ao abrigo, o trabalho de maternagem, se faz de suma importância, pois, o auxilia lidar com a privação materna (Bowlby, 2006b). E ainda, entrar em contato com sua própria história, em vez de negá-la ou reproduzir segredos (Tondowski et al., 2014).

No contexto do uso abusivo de drogas/dependência as características psicossociais referente a estas mães, apontam para, além da privação materna e/ou negligência dos cuidados e vivências traumática, diversas questões sociais, que se somam a um ambiente familiar com poucos recursos para proteger e suprir as necessidades dos filhos, tornando-os vulneráveis ao consumo de drogas (Costa Gabriela, Soibelman, Zanchet, Costa Patricia & Salgado, 2012). Além da ausência de suporte familiar, o acesso limitado a programas sociais, leva o indivíduo a reproduzir o comportamento do qual obteve origem e dê continuidade ao ciclo Inter geracional até que encontre suporte eficaz para romper o padrão de repetição. Verifica-se divergência quanto às implicações do uso de substâncias lícitas e ilícitas materno. Enquanto, Molnar, Levitt, Eiden e Schuetze (2014), destaca a cocaína como a (SPA) que apresenta maior risco durante o pré-natal, com variação de consequências conforme o tempo de consumo, quantidade e ambiente familiar, Kassada, Marcon, Pagliarini e Rossi (2013), infere que embora, o tabaco e o álcool, sejam substâncias lícita, por manifestar efeitos sutis, podem ser, ainda mais agravantes ao desenvolvimento cognitivo, que a cocaína, por poder passar despercebidos pelos profissionais de saúde. A associação entre tabagismo passivo e natimortos, e a possibilidade do

efeito da cannabis, ser confundida com tabaco, requer estudos que aprofundem a questão do consumo passivo de drogas, pois poderão contribuir com programas de prevenção (Varner et al., 2014),

No contexto de abuso de drogas, Thigpen e Sarha (2014), aponta o estigma, como uma barreira a ser superada, pois, dificulta o acesso ao serviço de saúde, a intervenção em relação à síndrome de abstinência neonatal, entre outros aspectos que envolvem o processo de recuperação. Também destaca a marca que os filhos carregam, principalmente, quando a mãe ou ambos os pais, encontram-se presos, pois repercutem em suas vidas, e o manejo da sociedade para com estas crianças, pode atenuar ou intensificar o estigma (Ormeño, Maia & Williams, 2013).

O cuidado propiciado a estas mães, as auxiliam, ressignificar vivências dolorosas, o que favorece a obtenção do autocontrole e a relação com seus filhos, pois desenvolvem sensibilidade materna, ainda que, no início, consigam captar, pequenas pistas ou emoções. Porém, dá indícios de comunicação entre mãe e filho e engajamento materno em atender-lhes suas solicitações, o que torna consistente a teoria do apego que muito valoriza a sensibilidade materna. Para estas mães, a abstinência por si só, não favorece o desempenho da função materna, pois as questões que dificultam o desempenho da função materna, estão além, do consumo de drogas (Suchman, Decoste, McMahon, Rounsaville & Mayes, 2011).

Os programas de intervenção, integrado ou domiciliar, para mães que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas, revelam resultados favoráveis que contribuem tanto para, desenvolvimento pessoal, quanto para a desenvoltura da identidade materna, e, ainda, favorece o desenvolvimento de habilidades e melhor interação com o filho, pois enfatizam as necessidades da família, não apenas, tratamento para o consumo de álcool e outras drogas (Sword et al., 2009; Nair et al., 2011). O método (MTP) que se embasa na teoria do apego também se mostrou uma intervenção promissora, pois, volta-se às questões pessoais e em um segundo momento foca no que se refere aos filhos, o que facilita a interação mãe e filho, bem como o desempenho da função materna (Suchman, Decoste, McMahon, Rounsaville e Mayes, 2011).

Constatou-se que o desempenho da função materna, tem despertado o interesse de muitos pesquisadores, o que leva a contribuir para uma ampla gama de estudos

acadêmico, porém, há ênfase, quanto às implicações clínicas em decorrência do abuso de drogas, e escassez quanto à experiência da função materna de em meio ao uso abusivo de drogas. O que revela a importância de pesquisas que abordem esta temática, de forma detalhada, desde a gestação aos demais estágios do desenvolvimento, com enfoque na relação mãe-bebê, o que pode vir a contribuir para intervenções futuras com esta população.

CONCLUSÃO

A partir da análise da literatura, constatou-se que, a identidade materna está atrelada a constituição do sujeito, o que faz da reflexão sobre o histórico familiar, um facilitador para compreensão do funcionamento materno. Sendo assim, as bases seguras, proporcionadas pelas figuras parentais, em especial pela mãe, na primeira infância, atuam como um antídoto, para o desenvolvimento saudável, porém, a ausência destas bases, em especial, a privação materna, pode acarretar falhas no processo de maturação e comprometer o desenvolvimento psíquico.

Neste sentido, evidencia-se que a dependência química, manifesta-se como um sintoma do contexto familiar e/ou consequência de fatores biopsicossociais que foram despercebidos ou negligenciados. A ausência ou apoio limitado de programas sociais e educativos, atuam como um proliferador de demandas sociais e clínicas, e ainda que, o abuso de drogas se manifeste em todas as classes sociais, há prevalência, entre pessoas da periferia, o que revela um desafio, para as famílias, constituírem pessoas saudáveis. A dependência química, manifesta e devolve a sociedade o caos vivenciado por indivíduos com intensos conflitos emocionais.

É notório, a necessidade de implantação de políticas públicas, com enfoque no bem-estar social, uma vez que o indivíduo se constitui a partir da interação familiar, social, escolar e cultural. Também os programas de prevenção, além, de intervir precocemente evitando ou atenuando a cristalização de quadros de adoecimento, possibilitam promover mais qualidade de vida, com menos custo, ao sistema único de saúde, que implica no desenvolvimento do país, pois uma sociedade com condições favoráveis de saúde, se desenvolve com eficácia, é mais produtiva e utiliza menos o serviço de saúde e assistência social.

Portanto, embora a maternagem, seja, um desafio para mulheres dependentes de substâncias psicoativas, não agem de tal forma, por serem mães ruins, mas, em

decorrência de experiências de privação afetiva na primeira infância, vivências traumáticas, abuso de drogas, ou por portarem algum tipo de psicopatologia. Tanto quanto seus filhos, estas mulheres necessitam de cuidados, e com o amparo de programas de intervenção integrada para mães e crianças, o desempenho da função materna, pode torna-se uma realidade possível.

REFERÊNCIAS

- Anderson, A. E., Hure, A. J., Forder, P. M., Powers, J., Kay-Lambkin, F. J., Deborah J. & Loxton, D. J. (2014). Risky drinking patterns are being continued into pregnancy: Prospective cohort study. *Plos One*, 9(1), e86171. Access june 23, 2015. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0086171>
- Bowlby, J. (2006a). *Formação e rompimentos de laços afetivos*. (4^o ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2006b). *Cuidados maternos e saúde mental*. (5^a ed.) São Paulo: Martins fontes.
- Botelho, A. P. M., Rocha, R. C., & Melo, V. H. (2013). Uso e dependência de cocaína/crack na gestação, parto e puerpério. *Femina*, 41(1), p. 24-32. Acesso em 23 de Outubro de 2015.
- Barros, R. M. S. G., & Ferreira I. L. (2013) Internación obligatoria en el embarazo: Prevención y protección a la vida. Instituto de Investigaciones em Psicoanálisis Aplicadas a las Ciencias Sociales. Universidad Argentina John F. Kennedy. *Revista Borromeo Artículos y ensayos*. n°4. p. 192-199. Acceso June 17, 2015 em <http://borromeokennedy.edu.ar>
- Costa, G. de M., Soibelman, M., Zanchet, D. L., Costa, P. de M., & Salgado, C. A. I. (2012). Pregnant crack addicts in a psychiatric unit. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 61(1), p. 8-12 Access June 25, 2015, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852012000100003&lng=en&tlng=en.
- Conselho Nacional do Ministério Público. (2013). *Relatório da Infância e Juventude – Resolução nº 71/2011: Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no país*. Brasília. Acesso em 08 de maio de 2015
- Edwards, E. P., Eiden, R., & Leonard, K. E. (2006). Behavior problems in 18- to 36-month-old children of alcoholic fathers: secure mother–infant attachment as a protective factor. *Development and Psychopathology*. 18(2), p. 395–407. Access May 06, 2015, em <http://doi.org/10.1017/S0954579406060214>
- Eiden, R., Edwards, E. P., & Leonard, K. E. (2009). mother–infant and father–infant attachment among alcoholic families. *Development and Psychopathology*. *PMC*, 14(2), p. 253–278. Access April 17, 2015
- Fernandes, R. T., Lamy, Z. C., Morsch, D., Lamy Filho, F., & Coelho, L. F. (2011). Tecendo as teias do abandono: além das percepções das mães de bebês prematuros. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(10), p. 4033-4042. Acesso em 16 de Março de 2015. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011001100008&lng=en&tlng=pt.
- Fernández, S. B., Vizcaya-Moreno, M. F., & Pérez-Cañaveras, R. M. (2013). Percepción de la transición a la maternidad: estudio Fenomenológico en la provincia de Barcelona. *Elsevier Doyma*. Atención Primaria. 45(8), p. 409-417. Acceso em 17 de Abril de 2015.
- Faler, C. S., Câmara, S. G., Aerts, D. R. G. de C., Alves, G. G., & Béria, J. U. (2013). Family psychosocial characteristics, tobacco, alcohol, and other drug use, and teenage pregnancy. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(8), p.1654-1663. Access April 17, 2015. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00107812>

- Fundação Oswaldo Cruz. (2013). *Maior pesquisa sobre crack já feita no mundo mostra o perfil do consumo no Brasil*. Rio de Janeiro. Acesso em 15 de Outubro de 2015. <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/maior-pesquisa-sobre-crack-j%C3%A1-feita-no-mundo-mostra-o-perfil-do-consumo-no-brasil>.
- Galera, S. A. F., Roldán, M. C. B., & O'Brien, B. (2005). Women living in a drug (and violence) context: the maternal role. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(spe2), p.1142-1147. Access March 16, 2015. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1169200500080007&lng=en&tlng=en
- Haber, J. R., Bucholz, K. K., Jacob, T., Grant, J. D., Scherrer, J. F., Sartor, C. E., & Heath, A. (2010). Effect of Paternal Alcohol and Drug Dependence on Offspring Conduct Disorder: Gene—Environment Interplay. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 71(5), p. 652–663. Access June 17, 2015.
- Jansson, L. M. (2009). ABM Clinical protocol #21: Guidelines for breastfeeding and the drug-dependent woman. *Breastfeeding Medicine*, 4(4), p. 225–228. Access May 28, 2015. <http://doi.org/10.1089/bfm.2009.9987>
- Knight, M., & Plugge, E. (2005). Risk factors for adverse perinatal outcomes in imprisoned pregnant women: A systematic review. *BMC Public Health*, 5(111). Access June 23, 2015. <http://doi.org/10.1186/1471-2458-5-111>
- Kassada, D. S., Marcon, S. S., Pagliarini, M. A., & Rossi, R. M. (2013). Prevalence of drug abuse among pregnant women. *Acta Paulista de Enfermagem*, 26(5), p.467-471. Access Junho 31, 2015. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-002013000500010 &lng=en&tlng=pt.
- Kassada, D. S., Marcon, S. S., & Waidman, M. A. P. (2014). Perceptions and practices of pregnant women attended in primary care using illicit drugs. *Escola Anna Nery*, 18(3), p.428-434. Access June 31, 2015. <https://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140061>
- LIMA, Auricéa Xavier de Souza. (2011) “Mães más”: um olhar sobre o abandono. *Genero*. Niterói, 11(2), p.29-44. Acesso em 10 de Abril de 2015. <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/329>
- Manso, J. M. M. (2005). Estudio sobre las implicaciones de La psicopatología parental, la transmisión intergeneracional y el abuso de sustancias tóxicas en el maltrato infantil. *Revista Colombiana de Psiquiatría*, 34(3), p. 355-374. Acceso Abril 16, 2015. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-74502005000300003&lng=en&tlng=es
- Martins, C. B. de G., & Jorge, M. H. P. de M. (2009). Negligência e abandono de crianças e adolescentes: Análise dos casos notificados em município do Paraná, Brasil. *Revista Pediatria*. São Paulo, 31(3), p.186-97. <http://producao.usp.br/handle/BDPI/13509>
- Militão, L. P., & Kruno, R. B. (2014). Vivendo a gestação dentro de um sistema prisional. *Revista. Saúde Santa Maria*. 40(1), p. 75-84. Acesso em 10 de Maio de 2015. <http://dx.doi.org/10.5902/223658349180>
- Molnar, D. S., Levitt, A., Eiden, R. D., & Schuetze, P. (2014). Prenatal cocaine exposure and trajectories of externalizing behavior problems in early childhood: Examining the role of maternal negative affect. *Development and Psychopathology*, 26(2), p.515–528. Access May 06, 2015. <http://doi.org/10.1017/S0954579414000091>
- Nair, P., Black, M. M., Schuler, M., Keane, V., Snow, L., Rigney, B. A., & Magder, L. (2011). Risk factors for disruption in primary caregiving among infants of substance abusing women. *Child Abuse & Neglect*, 21(11), p.1039–1051. Access may 06, 2015.
- Orth, A. P. da S., & Moré, C. L. O. C. (2008). Funcionamento de famílias com membros dependentes de substâncias psicoativas. *Psicologia Argumento*. 26(55), p.293-303. Acesso

em 12 de dezembro de 2014.
<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=2525&dd99=view&dd98=pb>

Ormeño, G. R. M., Maia, J. M. S., & Williams, L. C. A. (2013). Children with incarcerated parents: A literature review. *Journal of Child and Adolescent Psychology. Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. Lisboa. 4(2). p. 141-161. Access May 12, 2015. <http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/view/426/405>

Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Nardi, T., & Lopes, R. S. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo*, 13(1), p. 63-72. Acesso em 17 de junho de 2015 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000100008&lng=en&tlng=pt.

Pechtel, P., Woodman, A., & Lyons-Ruth, K. (2012). Early Maternal Withdrawal and Nonverbal Childhood IQ as Precursors for Substance Use Disorder in Young Adulthood: Results of a 20-Year Prospective Study. *International Journal of Cognitive Therapy*, 5(3), p.316–329. Access June 01, 2015. <http://doi.org/10.1521/ijct.2012.5.3.316>

Portela, G. L. C., Barros, L. M., Frota, N. M., Landim, A. P. P., Caetano, J.  ., & Farias, F. L. R. de. (2013). Perception of pregnant on consumption of illicit drugs in pregnancy. *SMAD. Revista eletr nica saúde mental álcool e drogas*, 9(2), p.58-63. Access April 16, 2015. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762013000200002&lng=pt&tlng=en.

Roldán, M. C. B., & Galera, S. A. F. (2005). Perception of the mothering role of women who live in a context of drugs and violence. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(spe2), p.1118-1126. Access june 16, 2015. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1169200500080004&lng=en&tlng=pt.

Sarti, C. A. (2004). A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, 15(3), p.11-28. Acesso em 16 de Dezembro de 2014 em http://www.scielo.br/scielophp?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000200002&lng=en&tlng=pt.

Suchman, N. E., McMahon, T. J., Zhang, H., Mayes, L. C., & Luthar, S. (2006). Substance-abusing mothers and disruptions in child custody: An attachment perspective. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 30(3), p.197–204. Access July 14, 2015. <http://doi.org/10.1016/j.jsat.2005.11.008>

Suchman, N. E., DeCoste, C., Castiglioni, N., McMahon, T. J., Rounsaville, B., & Mayes, L. (2011). *The mothers and toddlers program*, an attachment-based parenting intervention for substance using women: Post-treatment results from a randomized clinical pilot. *Attachment & Human Development*, 12(5), p.483–504. Access July 14, 2015. <http://doi.org/10.1080/14616734.2010.501983>

Soejima, C. S., & Weber, L. N. D. (2008). O que leva uma m e a abandonar um filho?. *Aletheia*, (28), p.174-187. Acesso em 16 de dezembro de 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1413-03942008000200014&lng=pt&tlng=pt>.

Schuler, M. E., Nair, P., Black, M. M., & Kettinger, L. (2011). Mother–Infant interaction: effects of a home intervention and ongoing maternal drug use. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29(3), p.424–431. Access May 01, 2015. http://doi.org/10.1207/S15374424JCCP2903_13

Sword, W., Jack, S., Niccols, A., Milligan, K., Henderson, J., & Thabane, L. (2009). Integrated programs for women with substance use issues and their children: a qualitative meta-synthesis of processes and outcomes. *Harm Reduction Journal*, 6(32). Access June 23, 2015. <http://doi.org/10.1186/1477-7517-6-32>

- Stellin, R. M. R., Monteiro, C. F. d'A., Albuquerque, R. A., & Marques, C. M. X. C. (2011). Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. *Estilos da Clínica*, 16(1), p.170-185. Acesso em 16 de Maio de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282011000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Saleem, H. T., & Surkan, P. J. (2014). Parental pregnancy wantedness and child social-emotional development. *Maternal and Child Health Journal*, 18(4), p. 930–938. Access May 09, 2015. <http://doi.org/10.1007/s10995-013-1320-z>
- Souza, B. M., & Sei, M. B. (2014). A localização da queixa familiar em um paciente identificado. *Revista Conexão UEPG*, 10(1), p.102-111. Acesso em 14 de Março de 2015. <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/5546/4033>
- Strathearn, L., & Mayes, L. C. (2010). Cocaine addiction in mothers: potential effects on maternal care and infant development. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1187, p.172–183. Access May 01, 2015. <http://doi.org/10.1111/j.1749-6632.2009.05142.x>
- Thigpen, J., & Melton, S. T. (2014). Neonatal abstinence syndrome: a challenge for medical providers, mothers, and society. *The Journal of Pediatric Pharmacology and Therapeutics: JPPT*, 19(3), p.144–146. Access June 01, 2015. <http://doi.org/10.5863/1551-6776-19.3.144>
- Tondowski, C. S., Feijó, M. R., Silva, E. A., Gebarac, C. F. P., Sanchezc, Z. M. & Notoc, A. R. (2014). Padrões intergeracionais de violência familiar associada ao abuso de bebidas alcoólicas: Um estudo baseado em genogramas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 27(4), p. 806-814. Acesso em 17 de abril de 2015 em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v27n4/0102-7972-prc-27-04-00806.pdf>
- Viellas, E. F., Gama, S. G. N. da., Carvalho, M. L. de, & Pinto, L. W. (2013). Factors associated with physical aggression in pregnant women and adverse outcomes for the newborn. *Jornal de Pediatria*, 89(1), p.83-90. Access May 09, 2015. <https://dx.doi.org/10.1016/j.jped.2013.02.013>
- Varner, M. W., Silver, R. M., Hogue, C. J. R., Willinger, M., Parker, C. B., Thorsten, V. R., Goldenberg, R. L., Saade, G. R., Dudley, D.J., Coustan, D., Stoll, B., Bukowski, R., Koch M. A., Conway, D., Piner, H., Keddy, U. M., and for the Eunice Kennedy Shriver National Institute of Child Health and Human Development Stillbirth Collaborative Research Network. (2014). Association between stillbirth and illicit drug use and smoking during pregnancy. *Obstetrics and Gynecology*, 123(1), p.113–125. Access May 01, 2015. <http://doi.org/10.1097/AOG.0000000000000052>.
- Winnicott, D. (2011). *A Família e o desenvolvimento individual*. (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Walker, J. R., Hilder, L., Levy, M. H., & Sullivan, E. A. (2014). Pregnancy, prison and perinatal outcomes in New South Wales, Australia: A retrospective cohort study using linked health data. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 14(214). Access June 17, 2015. <http://doi.org/10.1186/1471-2393-14-214>